

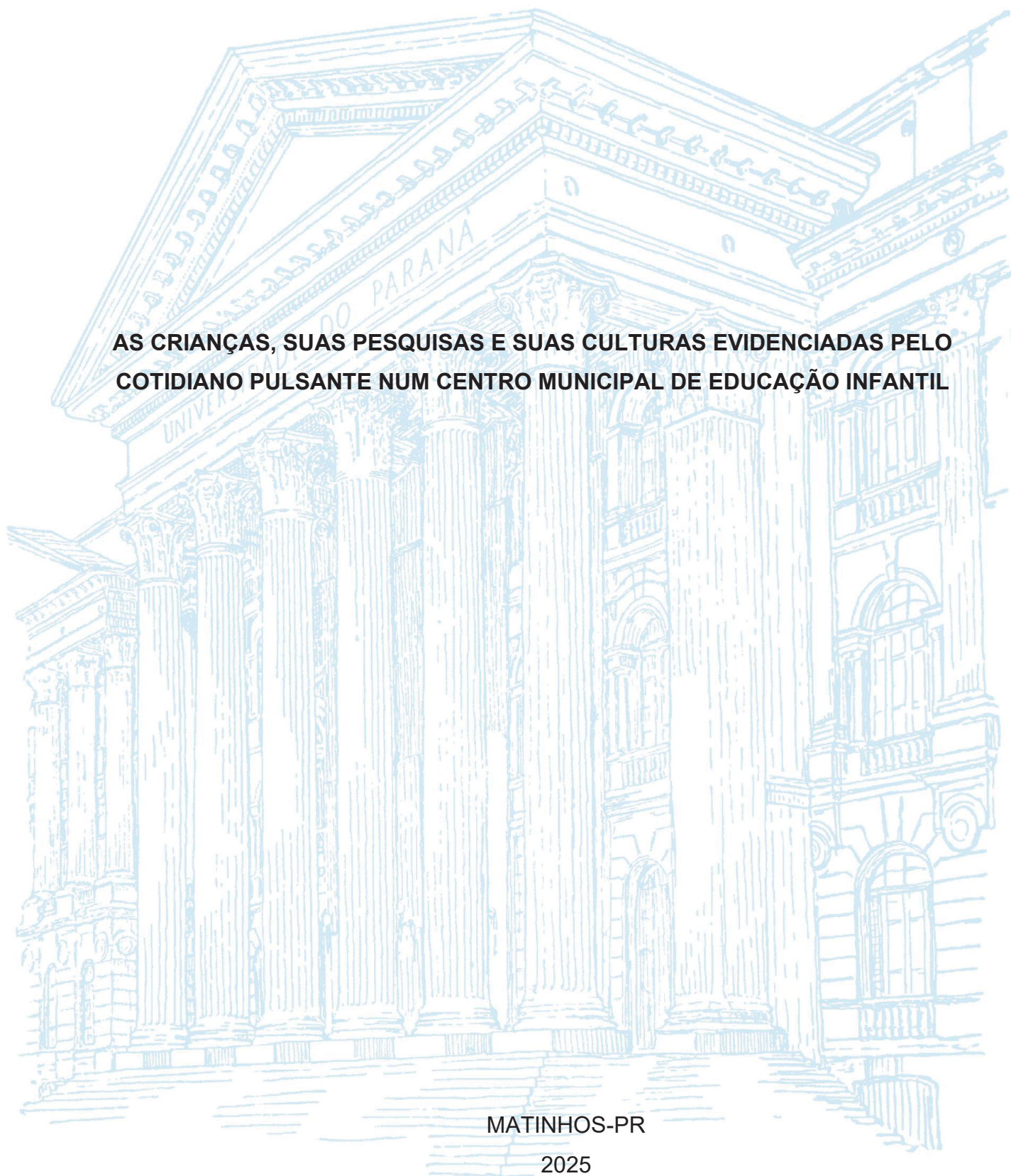
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ALINE DE MOURA NASCIMENTO

**AS CRIANÇAS, SUAS PESQUISAS E SUAS CULTURAS EVIDENCIADAS PELO
COTIDIANO PULSANTE NUM CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

MATINHOS-PR

2025



ALINE DE MOURA NASCIMENTO

AS CRIANÇAS, SUAS PESQUISAS E SUAS CULTURAS EVIDENCIADAS PELO
COTIDIANO PULSANTE NUM CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pós-Graduação de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação no Setor de Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Alternativas para uma Nova Educação.

Orientadora: Prof^a Josililian Alberton

Coorientadora: Prof^a. Ivone Rodrigues Macena
Barossi

MATINHOS-PR

2025

RESUMO

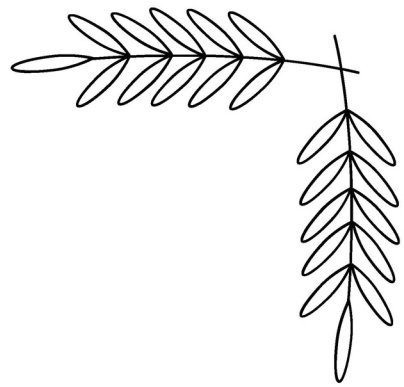
O texto aborda como crianças exploram, atribuem significados e revelam aprendizagens e culturas por meio de conexões com a natureza em seu cotidiano no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI). O estudo registra de maneira sensível as interações das crianças com a natureza acessível, incluindo elementos como árvores, jardins, insetos e animais, bem como com fenômenos naturais presentes em seu entorno. A relação entre as crianças, e entre elas e os adultos, emerge a partir de momentos de exploração, brincadeiras, investigações e ócio, evidenciados por meio da observação atenta de professores e de uma pedagoga comprometida com uma abordagem reflexiva inspirada no conceito de kairós.

Palavras-chave: Educação Infantil; Crianças; Natureza; Experiências na Educação infantil.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre como as crianças atribuem significados e revelam aprendizagens e culturas por meio de suas conexões com a natureza no contexto da Educação Infantil. A pesquisa, fundamentada na observação sensível do cotidiano em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), explora a relação das crianças com elementos da natureza acessível – como jardins, árvores e pequenos animais – e com os fenômenos naturais presentes em seus entornos. Além disso, coloca uma lupa em como essas experiências emergem nas interações entre as crianças e entre elas e os adultos, promovendo momentos de exploração, brincadeiras, investigações e ócio.

A análise é conduzida pela pedagoga Aline de Moura Nascimento, cuja trajetória profissional e pessoal converge para uma prática educativa sensível e comprometida com o desenvolvimento integral das crianças. Formada em Pedagogia desde 2009, Aline relata que seu encantamento pela Educação Infantil foi construído ao longo de uma jornada de desafios e descobertas. Partindo de experiências iniciais marcadas por dilemas e dificuldades, sua caminhada revela um processo de amadurecimento e a construção de uma paixão pela educação de bebês e crianças pequenas. Sob a inspiração do conceito de *kairós* – o tempo oportuno e qualitativo – a autora busca entrelaçar memórias, práticas pedagógicas e reflexões sobre a infância, contribuindo para um olhar mais humanizado e sensível sobre as interações entre crianças, adultos e a natureza no cotidiano pulsante da educação infantil.

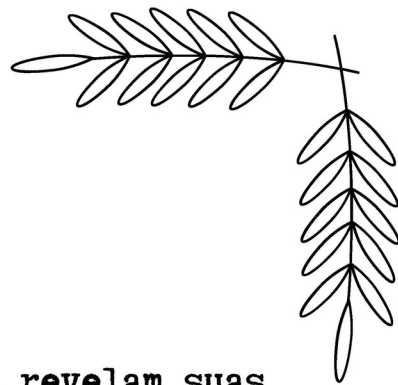


Aline de Moura Nascimento
Alternativas para uma Nova
Educação

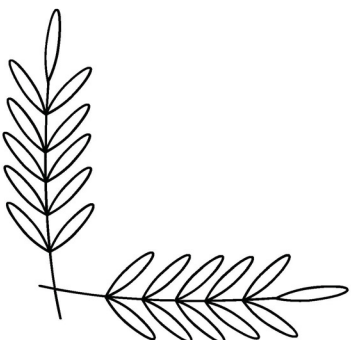
As crianças, suas pesquisas e
suas culturas evidenciadas pelo
cotidiano pulsante da Educação
Infantil.



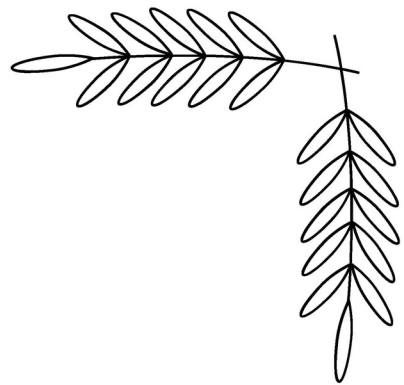
São José dos Pinhais, dezembro de 2024.



Como as crianças pesquisam, atribuem significados e revelam suas aprendizagens e culturas através das conexões com a natureza imersas na jornada do CMEI? Publicizando o cotidiano pulsante da educação infantil de maneira sensível, este caderno de memórias irá te contar como as crianças se relacionam com a natureza acessível (aquela que está ao alcance, como as árvores do nosso quintal, os jardins cultivados com muito carinho por um funcionário, os insetos escondidos embaixo das pedras, os animais que ali habitam...), com os fenômenos da natureza presenciados em seus entornos, as relações que emergem entre as crianças e entre elas e os adultos que ali trabalham. Através da observação sensível das crianças e seus professores, seus momentos de exploração, brincadeiras, pesquisas, traquinagens e ócio foram singelamente registrados por esta pedagoga que trilha sua caminhada através das tramas e entrelaces do kairós.



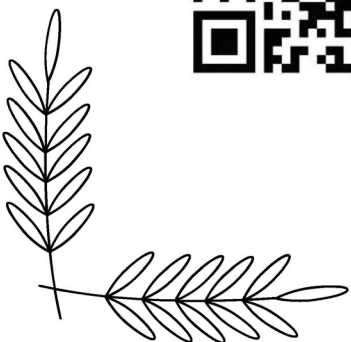
O CMEI A Baba do Passarinho
e
minha história.



Ao chegar neste CMEI o estranhamento foi imediato: “A Baba do Passarinho”? Que nome é esse?

Depois de conhecer a história do Município e a história da escolha do nome do CMEI a gente entende os motivos. Outrora soava estranho aos ouvidos, mas hoje é de uma boniteza... lindo e impregnado de significado.

Abaixo, deixo um “qr-code “ que irá ressignificar o sentido e a sonoridade desse nome para você também.



Memorial

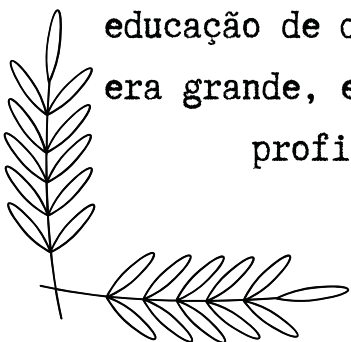


Meu nome é Aline de Moura Nascimento, nasci em março de 1982 na cidade de Foz do Iguaçu, Paraná. Sou pedagoga por formação desde 2009 e venho exercendo a profissão desde 2011. Ao longo da minha trajetória profissional tive breves experiências com o Ensino Fundamental, mas foi a Educação Infantil que verdadeiramente me encantou!

Inicialmente, e no sentido literal da palavra, como a porta de entrada para as profissionais oriundas do curso de Magistério, mas, depois de tudo o que vivi, pela paixão que desenvolvi ao longo do tempo pela Educação dos Bebês, Crianças bem pequenas e Crianças pequenas. Na década de 90, me vi diante do dilema de uma profissão e optei pelo curso de nível médio de Magistério. Durante essa fase, iniciei meu estágio em um Centro de Educação Infantil da prefeitura. Contudo, essa primeira experiência não foi tão positiva quanto eu esperava. Com o passar dos anos, percebi que a profissão de educadora seria, ao mesmo tempo, desafiadora e surpreendente.

Quando chegou a hora de escolher um curso universitário, optei por Pedagogia. Achava que, “por já ter alguma experiência na área”, seria mais fácil. Essa era uma visão ingênua de uma jovem que ainda estava aprendendo sobre o mundo e sobre si mesma. Ao ingressar na faculdade, fui confrontada com a famosa frase de Sócrates: “Só sei que nada sei”. Essa afirmação inicialmente me inquietou profundamente e me vi diante de um abismo que me olhava. Demorei, mas hoje percebo que aquele abismo era um convite para uma jornada contínua de aprendizado e reflexão.

Durante meu caminhar prestei diversos concursos públicos para trabalhar com crianças pequenas, mas a realidade precária das escolas me desmotivava constantemente. Hoje entendo que a luta por uma educação de qualidade é contínua, mas, naquela época, a minha decepção era grande, e eu ainda estava em processo de amadurecimento (pessoal e profissional, se é que se pode separar as duas coisas).



Em 2004 tive meu primeiro contato com a abordagem pedagógica de Reggio Emilia, por meio de um vídeo que assisti na faculdade de pedagogia. Fiquei fascinada por essa cidade italiana e em como ela, no conjunto de sua comunidade, pôde transpor as adversidades e construir uma pedagogia respeitosa, coerente e rigorosa. Mas mais uma vez me vi diante do abismo da minha ignorância. Compreendi que aquela abordagem era incrivelmente respeitosa com as crianças e com seus professores, porém não tive a percepção, naquele momento, de realizar uma transposição, um desolcamento para entender que uma mobilização coletiva poderia também fazer algo pela minha comunidade. Eu vivia numa bolha e não havia dado conta disso.

Em 2006 então, ao realizar um concurso para um município da região metropolitana de Curitiba tive a oportunidade de trabalhar em um CMEI com melhores condições estruturais. Ainda que longe do ideal, encontrei ali um ambiente que me permitiu baixar a guarda e mergulhar mais profundamente na minha prática pedagógica.

Nesse município fui apresentada a uma formação continuada estabelecida como política pública. Participei de diversos eventos, ora com profissionais que nos formavam de maneira bastante substancial, ora com palestrantes famosos que em nada agregavam, apenas me distraíram enquanto eu acreditava que estava aprendendo algo. Meu senso crítico ainda estava se desenvolvendo e como aquela experiência ainda era a “melhor” até aquele momento, aceitei sem questionar.

Os anos trabalhando com educação infantil naquela cidade me ensinaram muito, inclusive o que eu não deveria fazer. Mas com uma proposta engessada e sem voz não me sentia segura para realizar qualquer inovação (ou transgressão, como mais tarde compreendi ser o melhor movimento a se fazer). Cumpri com minhas obrigações e fiz amizades que duram até hoje.

Posteriormente, em 2011, assumi a função de Pedagoga no CMEI A Baba do Passarinho, no município de São José dos Pinhais, onde permaneço até hoje. No início, meu trabalho ainda era limitado, e eu não dedicava o tempo necessário aos estudos e reflexão necessários para uma prática coerente. Foi em 2013, através de uma formação continuada oferecida pela prefeitura em parceria com o Instituto Avisa Lá, que minha visão sobre a Educação Infantil começou a se transformar significativamente.

A formação, com encontros mensais, foi fundamental para o meu engajamento e reflexões sobre a minha prática pedagógica e minha atuação como formadora de professores estava começando a se desenhar. Trabalhar em escolas e centros de educação infantil, frequentemente me absorveu em demandas diárias urgentes. Isso muitas vezes me impediu de dedicar o tempo necessário para refletir sobre a prática pedagógica. Ao olhar para trás, percebo o quanto deixei de lado essas reflexões e investi tempo em questões que não eram essenciais. Quando decidi agir de maneira mais assertiva e subverter a lógica opressora que muitas vezes permeia a educação, passei a pautar meu trabalho em diálogos que acolheram (-me) e (me)transformam.

Ao me debruçar nos documentos orientadores oficiais e me comprometer em entender como, de fato, o desenvolvimento das crianças e a educação infantil funcionam pude compreender o meu papel na rede municipal de educação do município de São José dos Pinhais.

Hoje, na unidade de Educação Infantil que sou Coordenadora Pedagógica constantemente priorizo a reflexão das professoras, saindo do “lugar comum” oferecendo um lugar de acolhimento e mudança. Não é uma tarefa fácil, nem todas desejam caminhar com a gente, mas a Aline mais sensata sabe que, sozinha, não pode mudar o mundo. Entendi que a luta é coletiva, mas o despertar é individual. Quando despertei, consegui levar um pequeno grupo junto comigo, e esse pequeno grupo atinge mais algumas pessoas, que são despertadas pouco a pouco.

Encaro os desafios da profissão com um olhar mais maduro. Se antes o abismo me causava medo e incerteza, agora vejo cada queda como uma oportunidade de aprendizado.

Em 2023 fui apresentada ao MoANE (Movimento Alternativas para uma Nova Educação) através de um querido amigo e colega de trabalho, o professor Nicolas. Fui como convidada à uma vivência à Aldeia Indígena Pindoty, em Paranaguá, onde conheci o Valdo e o Valentim. Fui apresentada, ainda que de maneira informal, à pós-graduação ANE da UFPR Litoral e me vi novamente envolvida por uma atmosfera de acolhimento e esperança. Ingressei na pós-graduação em setembro daquele ano, onde os laços com o grande grupo de estudantes e com a equipe ANE foram estreitados e fortalecidos. E foi experimentando as quedas e conhecendo outros abismos que aprendi a sair (e sigo saindo) de cada um deles. Nas escolas e CMEIs que trabalhei sempre me coloquei na condição de aprendiz com muita humildade, o que muitas vezes não é bem compreendido. Fui acusada de ser “emocionada” demais... Ora, se as emoções me constituem, elas não podem ficar apenas fora dos muros da escola! Não posso separar a Aline da Pedagoga Aline. Ao longo dessa jornada, aprendi a valorizar o percurso e a acolher as emoções como parte intrínseca do meu trabalho.

Manoel de Barros exprime muito bem do que é feito o homem e sua humanização:

A maior riqueza do homem
é a sua incompletude.

Nesse ponto sou abastado.

Palavras que me aceitam como sou - eu não aceito.
Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,
que puxa válvulas, que olha o relógio,
que compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.

Perdoai

Mas eu preciso ser Outros.

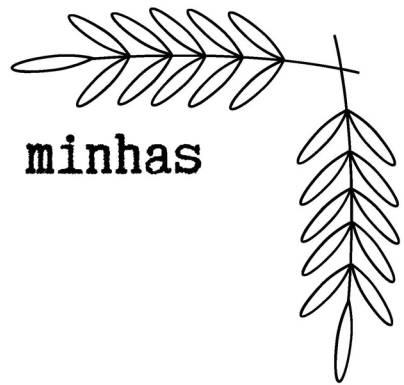
Eu penso renovar o homem usando borboletas.

Manoel de Barros

Sigamos!



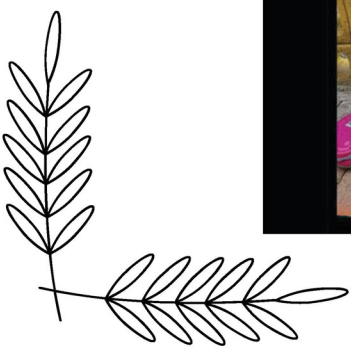
O Cotidiano no CMEI pelas minhas lentes...

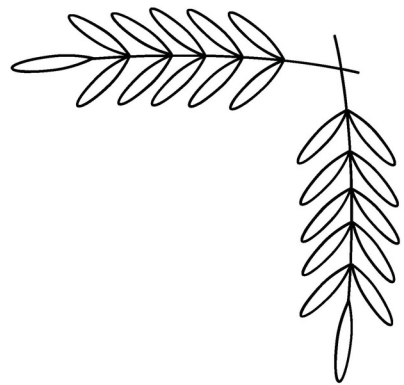


O conceito de Kairós - o tempo oportuno e qualitativo - e no meu entendimento, o tempo vivido pelas crianças, frequentemente conflita com o tempo do relógio, o tempo dos adultos, o Cronos. O desafio do professor é atenuar essa relação, suavizando o cotidiano e não se deixar sucumbir pela rotina.

As brincadeiras com água são, muitas vezes, reprovadas pelas famílias. As justificativas são sempre relacionadas à saúde dos pequenos e frequentemente os professores sentem-se pressionados a não realizá-las..

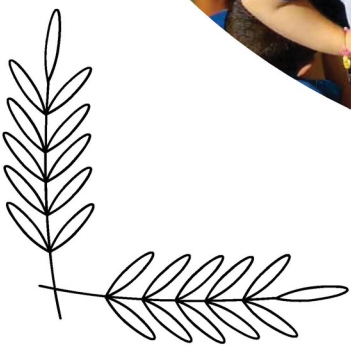
Portanto, cabe ao professor, enquanto sujeito que se dispõe a se debruçar e se cercar dos escritos sobre as infâncias, sustentar suas práticas à luz da legislação educacional vigente e outros documentos que orientam a prática pedagógica, articulando os saberes das crianças com o conhecimento canônico, oferecendo práticas que potencializam as aprendizagens através das experiências.

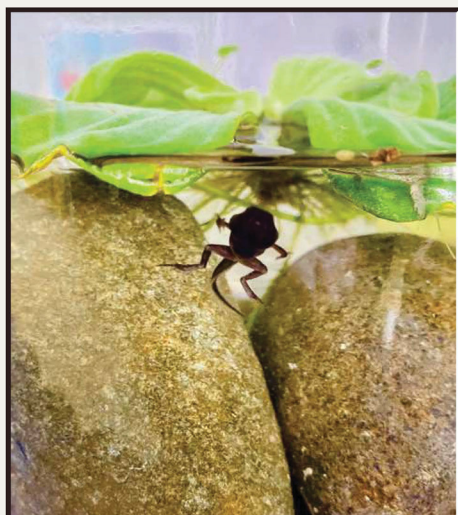
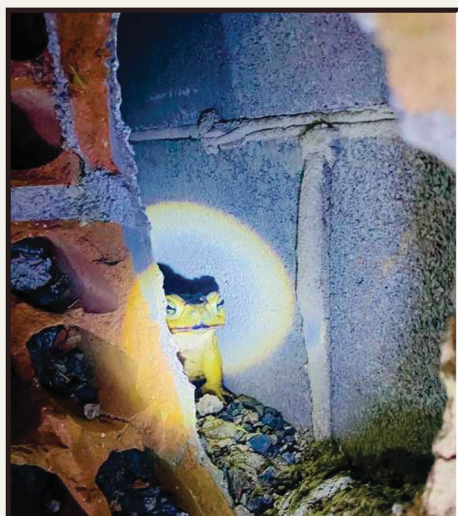
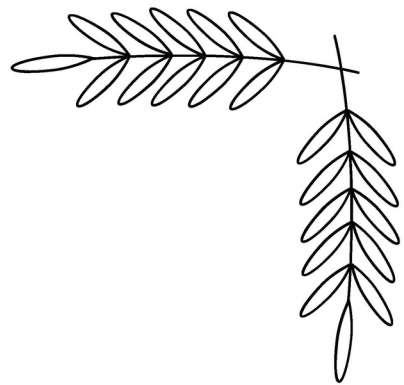




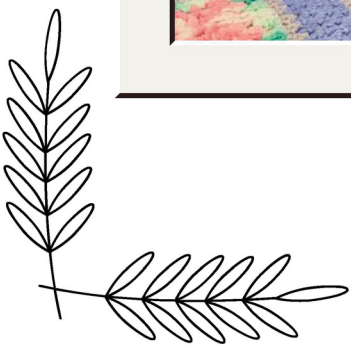
O professor que brinca, ouve as crianças e se importa com o que elas têm à dizer é a chave para um cotidiano leve e agradável. Estar verdadeiramente junto das crianças é uma tarefa difícil. O que nos cansa não é "...descer, rebaixar-se, inclinar-se, ficar curvado para ficar no nível (físico e de compreensão) da criança, o que nos cansa é elevarmos até alcançarmos o nível dos sentimentos das crianças." KORCZAK,

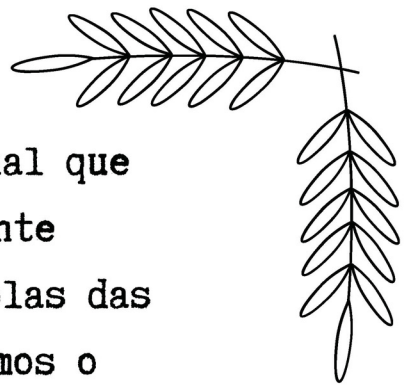
1983





Estar atentos às descobertas e aos interesses das crianças e planejar experiências de observações, análises e registros sem que as intercorrências e acontecimentos inesperados interrompam o processo, pelo contrário O inesperado, o erro, têm seu lugar no trabalho com as crianças. Toda a trajetória deve ser documentada e todo erro vira aprendizado.





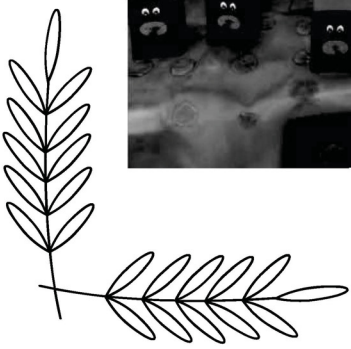
Na pedagogia tradicional que
ainda se faz presente
(infelizmente) nas escolas das
infâncias, vislumbramos o
cercear dos corpos quando, os
movimentos limitados ou
proibidos, os ambientes
estéreis, livres de elementos
da natureza, repletos de
objetos e

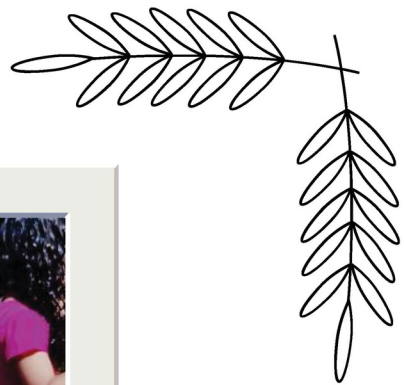


brinquedos plásticos, com cores
chamativas e superestimulantes,
mesas e cadeiras para todas as
crianças se sentarem e
realizarem “trabalhinhos” ao
mesmo tempo, onde são
reproduzidos estereótipos
artificializados da vida.



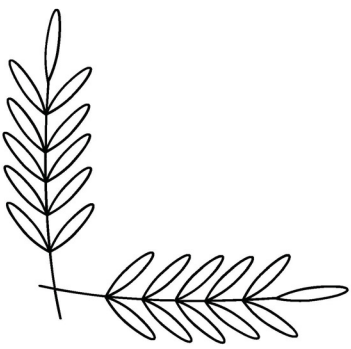
Neste cenário a natureza é vista
como “suja”, desnecessária,
incômoda. Em oposição a isso,
venho me debruçado sobre uma
pedagogia que enxerga a criança
potente, capaz, sagaz,
observadora, ora silenciosa, ora
barulhenta...

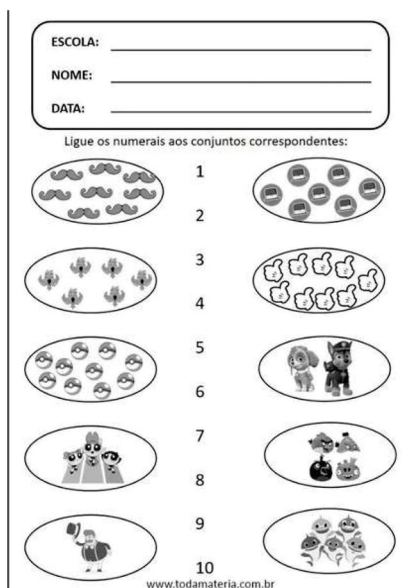
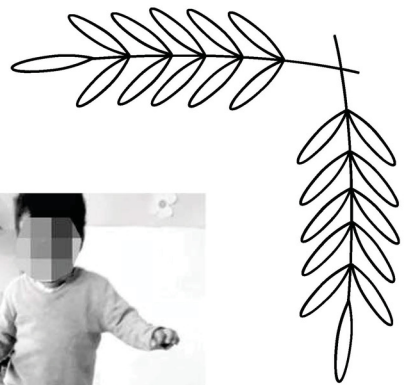




Nessa perspectiva, eu pergunto: Faz sentido transformar o corpo da criança em um “carimbo”? Faz sentido “trabalhar a janelinha do tempo?”

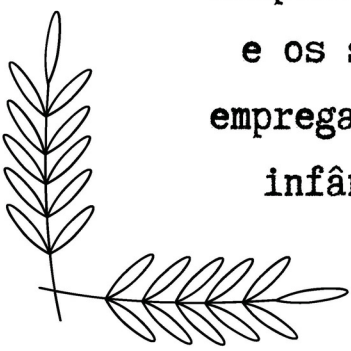
Algumas práticas enraizadas precisam ser eliminadas das escolas da infância com urgência!





Por quanto tempo ainda veremos práticas
descontextualizadas fazendo parte da vida dos pequenos
humanos?

Atividades copiadas ou “simplificadas” vindas do Ensino Fundamental, uma proposta que se assemelha ao “brincar de escolinha”, que endurece o corpo da criança e reduz seu potencial, deslegitima sua inteligência e a tranforma em uma simples “cumpridora de tarefinhas.” Frequentemente observamos atividades que emulam e tentam reproduzir a vida através de praticas artificializadas, quando, na verdade, a natureza acessível (aquela que está do lado de fora da sala de aula) proporciona aprendizagens sensoriais que superam essas práticas retrógradas, reproduzidas sem criticidade por um sem número de professores que ainda não despertaram, submergidos por uma rotina que os sucumbem e os sobrecarregam, permanecendo invizibilizados por empregadores (poder público ou privado) que valorizam a infância somente no discurso, deixando visível uma pedagogia esvasiada de sentido.



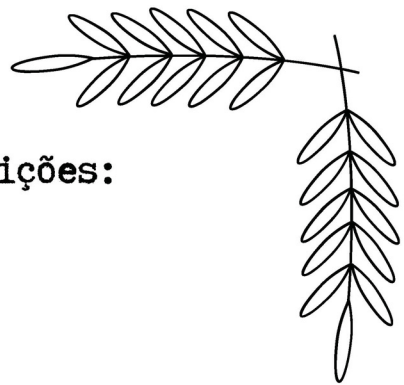
Quando estamos abertos às experiências inusitadas que o cotidiano nos propicia faz emergir relações e descobertas que são substanciais para as infâncias.

“A complicada arte de ver”, parafraseando Rubem Alves, deve invadir também o inesperado, transformando o ordinário em extraordinário.



Queremos uma infância livre para experimentar o mundo! Sem preocupações com as marcas que ficarão nas roupas. Devemos imprimir marcas que ficarão em suas memórias!

Pequenos humanos e suas grandes contribuições:



Amizade
Texto



Barriga
Texto



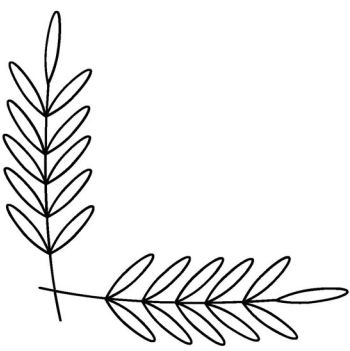
Casa
Texto

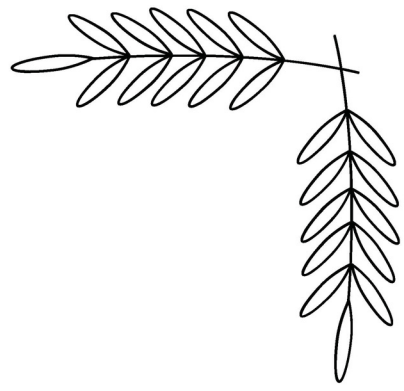


Deus
Texto



Esperto
Texto

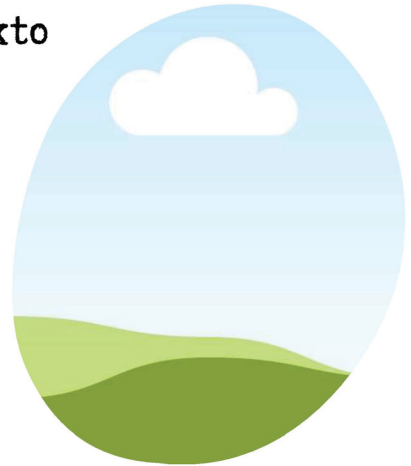




Família
Texto



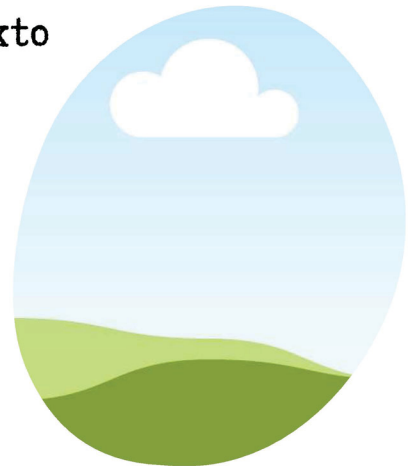
Galáxia
Texto



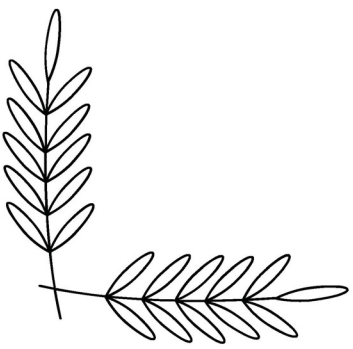
Homem
Texto

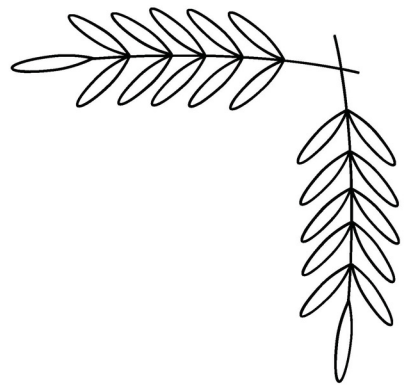


Inteligente
Texto



Juiz
Texto





Karaokê
Texto



Lua
Texto



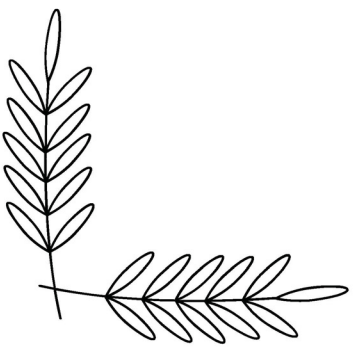
Mulher
Texto

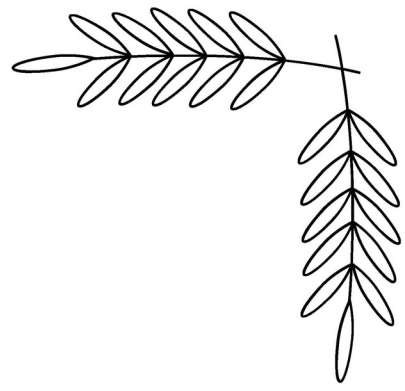


Nuvem
Texto



Obstáculo
Texto





Professora
Texto



Querido
Texto



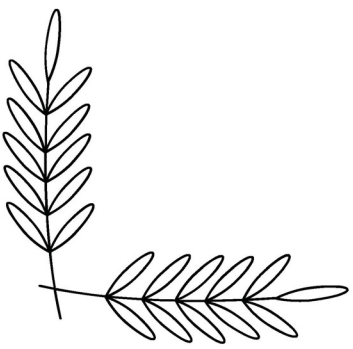
Rei
Texto



Saudade
Texto



Trabalho
Texto



Univerſo
Texto



Vovó
Texto



W
Texto



Xodó
Texto



Y
Texto



Zoológico
Texto

